

# O movimento armado comunista na Colômbia: dialogando com Gramsci

Ana Carolina Silva Ramos e Silva

**Como citar:** SILVA, A. C. S. R. O movimento armado comunista na Colômbia: dialogando com Gramsci. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 297-299.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p297-299>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## O movimento armado comunista na Colômbia: dialogando com Gramsci

Ana Carolina Silva Ramos e Silva<sup>1</sup>

Neste estudo propomos a continuidade com a pesquisa realizada sobre a gênese do movimento armado comunista na Colômbia e apresentada como Monografia para a obtenção de título de Bacharel em Ciências Políticas.

A continuidade com esse estudo será feita a partir da utilização de algumas das categorias fundamentais da obra de Gramsci no intuito de explicar as formas políticas assumidas pelas lutas desencadeadas na formação social colombiana e que se desdobrariam na ação das FARC.

Particularmente a conceituação dada por Gramsci sobre guerra de movimento e guerra de posição, buscando nesse autor elementos que ajudem a elucidar as formas políticas assumida pela luta de classes na Colômbia e as razões de seu caráter extremamente violento num momento histórico no qual, segundo muitos autores, seria o da prevalência da guerra de posição.

As FARC foram fundadas em 1964, sob a condução do legendário comandante Manuel Marulanda Vélez após o ataque à região de Marquetalia. Desde então decidiram, na Sétima Conferência Guerrilheira, se levantarem em armas para defenderem suas vidas, contra o Estado e um regime político que seguia um plano de extermínio contra os camponeses desta região.

Atualmente as FARC-EP são um exército revolucionário que, segundo o comandante Raul Reyes (2006), têm a missão histórica de conquistar a verdadeira paz com justiça social através de uma luta revolucionária prolongada, pelos interesses do povo, até a conquista plena do poder.

Esta luta revolucionária permanente está baseada em princípios marxistas-leninistas e continua a desafiar vitoriosamente todo um sistema que pretende aniquilá-la. Uma guerrilha de 47 combatentes transformou-se hoje em um núcleo com mais de 18.000 homens que lutam atualmente contra um Estado oligárquico sustentado militar e financeiramente pelos EUA. As ações desta ofensiva contra as FARC-EP foram elaboradas através do Plano Patriota, lançado em junho de 2004, como uma vasta operação de ataque às áreas controladas pelas FARC-EP, abrangendo uma área de 260 mil Km<sup>2</sup> no sul da Colômbia. Ele envolve 17 mil soldados colombianos e equatorianos, com um aparato tecnológico fornecido pelos EUA. Com isso, a presença militar estadunidense destina-se a combater a resistência guerrilheira, envolvendo-se claramente nos conflitos civis colombianos e colocando seus soldados na Amazônia, o que segue uma constante da prática estadunidense: instalação de bases em locais militarmente estratégicos no continente latino americano. Em 1999 foi instalada em Manta, área litorânea do Equador, a maior pista de pouso da América do Sul, a 20 minutos de vôo das principais zonas de conflito da Colômbia, e situa-se numa posição estratégica que permite o controle militar do Pacífico Sul, Canal do Panamá e América Central; entre outras.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Políticas pela Unesp de Marília. ramos\_unesp@yahoo.com.br

Diante disso, um fator inquietante é que mesmo após os ataques do Plano Patriota, a guerrilha ofereceu uma imensa resistência, sendo que a ofensiva militar contra ela foi incapaz de produzir qualquer baixa visível nas forças guerrilheiras. Atualmente, a história oficial, contada pelo governo e pela mídia, não considera esta resistência da luta guerrilheira colombiana - profundamente arraigada no movimento popular e indígena e que só por isso consegue desafiar um exército nacional de 150 mil homens - e busca mostrar a guerrilha como uma vertente armada do narcotráfico ou "*narcoterrorismo*" (expressão criada por Lewis Tams, embaixador de Ronald Reagan na Colômbia).

Assim, sem necessariamente ter as FARC como objeto central, a pesquisa apresentada sob a forma de monografia buscou analisar a gênese deste movimento guerrilheiro nos movimentos de luta que o precederam, fornecendo as bases para o entendimento de como se originou esta particular força de resistência ao imperialismo estadunidense.

Naquele estudo procuramos mostrar como a luta armada deve ser entendida como uma resposta vinda dos próprios camponeses diante dos resultados de um árduo processo de lutas situado entre o início da década de 20 e o final da década de 50 do século XX. A hipótese principal que orientou o estudo sobre as transformações de fundo pela qual passava a sociedade colombiana foi a de que no período assinado dois projetos de revolução social foram confrontados.

Embora não tenhamos avançado sobre a questão da particularidade do capitalismo na Colômbia, o que não era nossa meta no trabalho monográfico, sugerimos que ele seguiu, por opção política das classes dominantes que foram vitoriosas nos constantes embates políticos gerados na crise da velha ordem, um caminho similar ao que Lênin conceituava como *via prussiana*, principalmente no que diz respeito à questão agrária. No entanto, por se tratar de uma de uma formação histórico-social subordinada desde o início aos interesses dos centros hegemônicos do capitalismo, conceituamos o caso colombiano como um quadro de desenvolvimento ao estilo "prussiano colonial". Levando estas colocações em consideração, sugerimos que a alternativa oposta, ou seja, de um desenvolvimento baseado na economia camponesa, semelhante à "*via-americana*" analisada por Lênin, abriu-se com as lutas camponesas nos finais dos anos 20 e se encerrou com a derrota do movimento democrático colombiano, durante os anos 50. As conseqüências sociais do desenvolvimento capitalista pela "*via prussiano-colonial*" foram graves: o regime político nacional e local continuou apoiado nas velhas classes dominantes e também nos métodos arbitrários de subsunção da população camponesa. A barbárie que caracterizou as velhas formas de sujeição camponesa na história colombiana se reproduziu em níveis econômicos, políticos e sociais, dando ensejo a um violento processo de concentração de terra pela expulsão dos camponeses e formação de uma mão-de-obra disponível para vender sua força de trabalho no mercado. Devido a esta forma de revolução burguesa, assumindo aspectos violentos e trágicos, muitos autores colombianos irão acentuar a violência como fator marcante e característico da história colombiana.

Dois aspectos dessa violência, enquanto prática político-social, estão interligados na história colombiana: por um lado ela foi um método de imposição e construção da nova ordem capitalista pelo caminho "prussiano-colonial", o fator extra-econômico de concentração de terra para expulsão dos camponeses e formação de uma mão-de-obra disponível para vender sua força de trabalho no mercado, procurando enterrar as reivindicações camponesas pela reforma agrária, em geral por um desenvolvimento econômico democrático; por outro, foi a própria forma pela qual viria a

principal resposta dos explorados a este processo, o que culminará na formação das FARC na década de 1960.

Sobre o primeiro aspecto apontado acima, o bipartidarismo é um dos elementos políticos que o explicam. Existente desde o século XIX, o bipartidarismo liberal-conservador constituía uma estrutura política de poder em torno da qual gravitavam praticamente todas as forças sociais e políticas do país, servindo como meio para as classes dominantes conterem e controlarem quaisquer movimentos que apontassem para uma ruptura da ordem social. Embora bastante pressionado durante as décadas de 1920 e 1950, o bipartidarismo liberal-conservador permaneceu um elemento importante na contenção da luta de classes na Colômbia, não servindo como meio institucional para absorver as demandas que vinham das classes exploradas e dominadas, especialmente os camponeses. Nesse sentido, favoreceu fundamentalmente àqueles que formularam um projeto de desenvolvimento capitalista conservador para o país.

Diante desses aspectos, procuramos demonstrar na monografia que a luta armada na Colômbia deve ser entendida como uma resposta vinda dos próprios camponeses e da leitura que fizeram da realidade de seu país, pois perceberam claramente que a nova ordem que se construía seria em oposição aos seus interesses e desejos fundamentais. Particularmente no campo, a resposta veio em duas tendências fundamentais: de inspiração liberal e de inspiração marxista-leninista.

A guerrilha de orientação liberal, segundo alguns pesquisadores colombianos, teve um caráter predominantemente espontaneísta, envolvendo uma combinação entre autodefesa e luta guerrilheira. A trajetória das guerrilhas liberais na Colômbia, cujo ponto culminante foi no início dos anos 1950, é expressiva da derrota de um projeto democrático semelhante à via americana, à medida que foram reincorporadas pelo Partido Liberal ao sistema de poder das classes dominantes colombianas.

Por outro lado, a guerrilha que seguiria o caminho do marxismo-leninismo iria se constituir no pólo de oposição à ordem política e social que se definia por uma via prussiano-colonial. A oposição seria feita por uma luta política expressa na forma de uma guerra de posição. Precisamente nesse momento que propomos um diálogo com o pensamento de Gramsci.

Segundo apontamentos de Gramsci nos Cadernos do Cárcere, no Estado moderno os elementos internos e externos da luta política assumem tal complexidade que a guerra de movimento torna-se cada vez mais guerra de posição, o que já estaria configurado desde de 1870. No entanto, faz a ressalva de que a "questão se apresenta para os Estados modernos, não para os países atrasados e as colônias, onde ainda vigoram as formas que, em outros lugares, já foram superadas e se tornaram anacrônicas".

A observação é sugestiva e serve como um ponto de partida para um novo momento da nossa pesquisa. A opção pela guerrilha como forma de luta política seria decorrente do anacronismo da formação social colombiana? Ou seria esta uma forma de luta equivocada, tendo em vista que no final dos anos 50 a Colômbia, ainda que por um caminho autoritário e excludente, assumia a feição de um país capitalista moderno, com um caráter mais "ocidental" que propriamente "oriental"?

Desse modo, acreditamos contribuir para a reflexão não apenas sobre as formas políticas da luta de classes assumida na Colômbia, mas também sobre os desafios postos pela realidade daquele país para o ator que propõe transformá-la a partir de uma orientação marxista.